

Ministério da Cultura e
apresentam



EM:

O GRIOT E OS ESPÍRITOS DA TERRA

DA ERA CANTIDA AOS DIAS ATUAIS



PREFÁCIO

Na dinâmica do mundo dos terreiros nada se inicia sem uma saudação. Saudemos o Baobá, nosso ancestral mais velho, a árvore da memória, a árvore do esquecimento. Dele viemos e a ele voltaremos. Abençoamos os meus mais velhos, abençoamos o baobá. Nosso eterno retorno. E nesta perspectiva do eterno retorno ao ponto de origem, o Grupo Bambar - Arte e Cultura Negra, da Associação dos Filhos e Amigos do Ilê Omi As Of Kare - AFAIA, nos apresenta uma epopeia da modernidade, da tradição e dos antepassados: "O griot e os espíritos da terra, da era cantada aos dias atuais". O grupo vem crescendo nos últimos anos, e depois do "Emi, o sopro divino", brinda o público paraense com mais este espetáculo. A peça em trajes, nos leva a mergulhar nas origens africanas e sua influência na formação da sociedade brasileira. Mais do que fazer arte, esta peça é uma missão de vida. A adoção desta filosofia se traduz na sofisticação dos atos e das falas dos autores em que retrata homens e mulheres africanas em busca de seus sonhos e de seus crescimentos socioculturais. Ressurge, para nós, a figura do griot, da mulher griot, do ser griot, narrador e narradores, importante na preservação da sabedoria africana; do griot que existe desde o início dos tempos e, hoje, nos apresenta as contradições e os problemas da vida moderna. Nesta perspectiva, Ngun Le, bisneto de Ngun, que representa a saga do povo Ngani, que bem poderia ser a saga de todos os povos africanos, se reencontra com sua ancestralidade e origem divina. O homem retorna ao seu ponto de origem. Todos nós retomamos ao nosso ponto de origem, agora fortalecidos, conscientes de sua origem e de seu papel na sociedade brasileira: "o saber africano como elemento mobilizador da sustentabilidade universal". Aceitemos o convite do griot: "Jovens! Crianças! Sentem-se em torno deste Baobá e prestem muita atenção o que esta história também lhes pertence..."

Marilu Mária Campelo

O GRIOT E OS ESPÍRITOS DA TERRA

DA ERA CANTADA AOS DIAS ATUAIS





O GRIOT E OS ESPRITOS DA TERRA - o mais novo espetáculo cênico do Grupo Bambarê - Arte e Cultura Negra, da Associação dos Filhos e Amigos do Ile Iya Omi Ase Of Kare-AFAIA, escrito por Edson Catend com a colaboração de Jane Patrícia e Mara Jucá, inspirado nos valores civilizatórios africanos, vencedor do 2º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro Brasileira, promovido pela CADON/FCP/MINC, com o patrocínio da PETROBRAS S.A. Contextualiza a relação existente entre o homem contemporâneo com os seus ancestrais, trazendo a figura do Griot/Griotes com elemento de ligação entre as diversas eras, dividido em três atos a explorar o binômio tempo-espço na relação homem-movimento.



1º ATO - "ERA CANTIDA", mostra-se o dia a dia do Povo Ngani, a força da palavra como elemento transformador e os segredos da sabedoria simbolizados pela cabaça - "igbadu", que ao se partir nos revela os conhecimentos milenares africanos transmitidos pelos Espíritos da Terra.

2º ATO - "ERA DAS LUZES", trata-se das invasões territoriais com as conquistas e explorações de nações colonizadas; o choque filosófico e cultural; a diáspora africana e as lutas pela liberdade; a religiosidade como uma corrente de equilíbrio dinâmico entre o homem e a natureza;

3º ATO - "ERA ATUAL" uma viagem pelas crendices e provérbios, o saber africano como elemento mobilizador da sustentabilidade universal; o encontro do homem com suas ideias e o existencialismo libertário. Um nascer de um novo Griot na contemporaneidade, sem perder a essência da ancestralidade.

O QUE É UM GRIOT?

São os tradutores orais das tradições e cultura dos povos africanos e afrodescendentes. Vivem em muitos lugares na África e em outros países onde a presença africana foi contundente como: Brasil, Cuba, Estados Unidos. etc...

Um dos símbolos representativos dos narradores, dos que contam contos, cantam danças, símbolos, avós, metáforas e todos os personagens cênicos ou não, que em muitas sociedades, são depositários de histórias, de testemunhos ou de tradições.

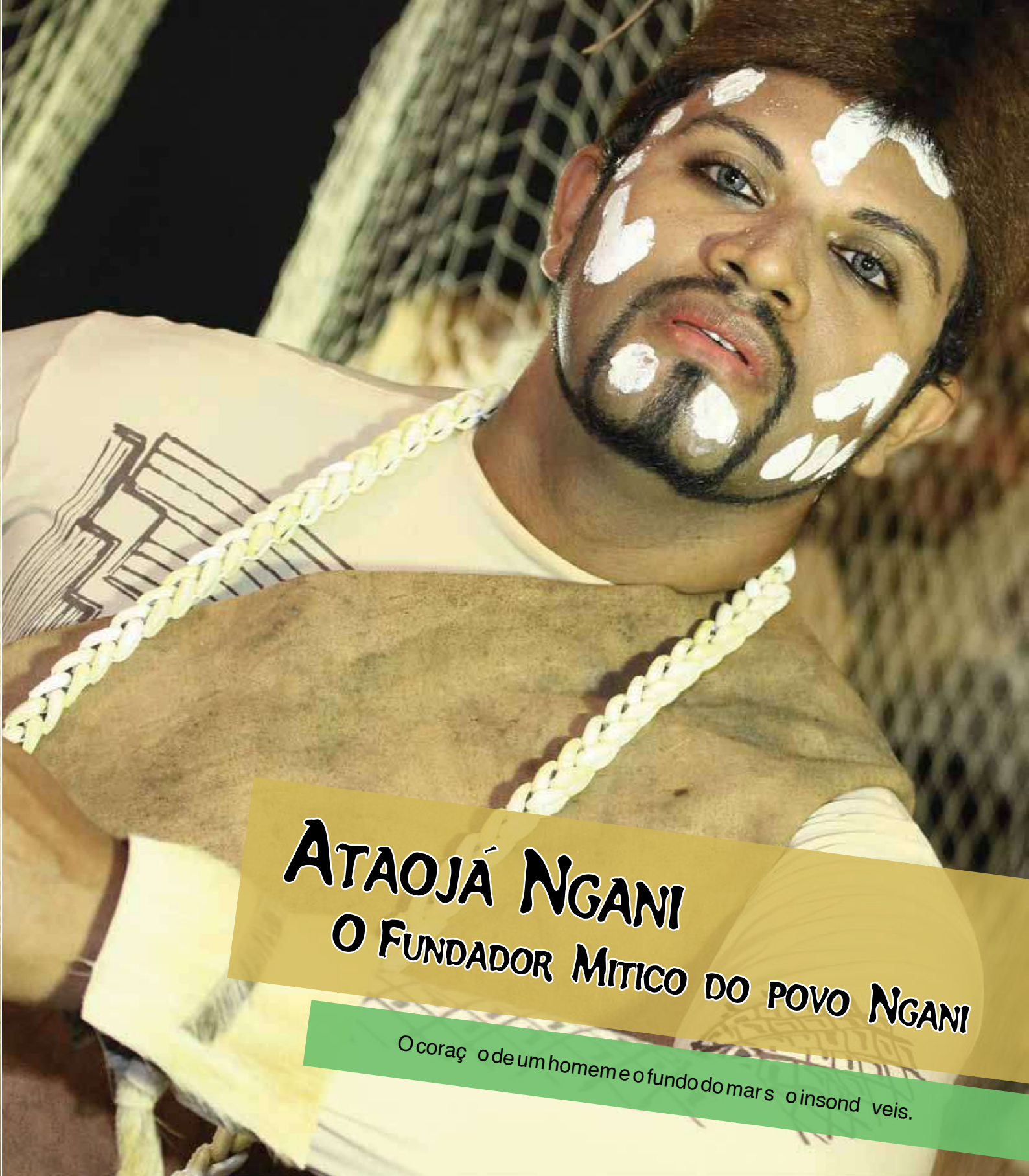
São considerados como verdadeiros símbolos, detentores do conhecimento da história do seu povo e por isso, respeitados por todos em suas comunidades.

Através de suas narrativas que eles passam de geração em geração as histórias e tradições de seus antepassados, são verdadeiras enciclopédias.

A palavra griot ou griote de origem franco-africano, que designa o narrador(a), cantor(a), cronista, geneologista.

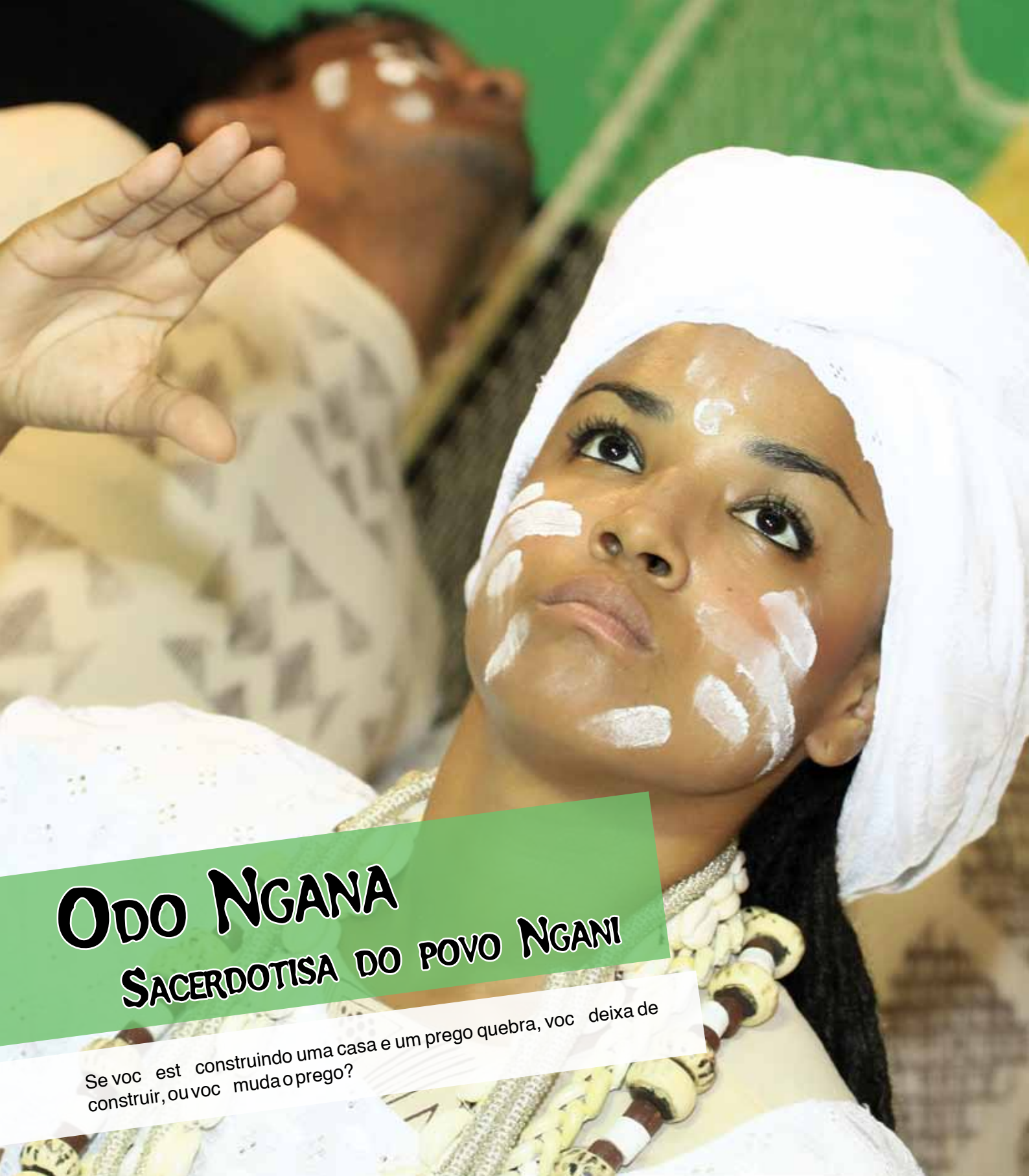
Em alguns países africanos, recebem outras denominações como: dyeli ou diali, entre os bambaras e mandingas, guissere entre os saracóis, wambabe, entre os peles, aoulombe, entre os tuculores e guwel entre os uolofes.

Nas aldeias africanas era de costume sentar-se à sombra das árvores ou em volta de uma fogueira para ali passar horas e horas a fio ouvindo histórias do fantástico mundo africano transmitidas por “estes velhos griots”.



ATAOJÁ NGANI
O FUNDADOR MÍTICO DO POVO NGANI

O coração de um homem e o fundo do mar são sons de veis.



ODO NGANA

SACERDOTISA DO POVO NGANI

Se voc est construindo uma casa e um prego quebra, voc deixa de construir, ou voc muda o prego?



LESIKAN

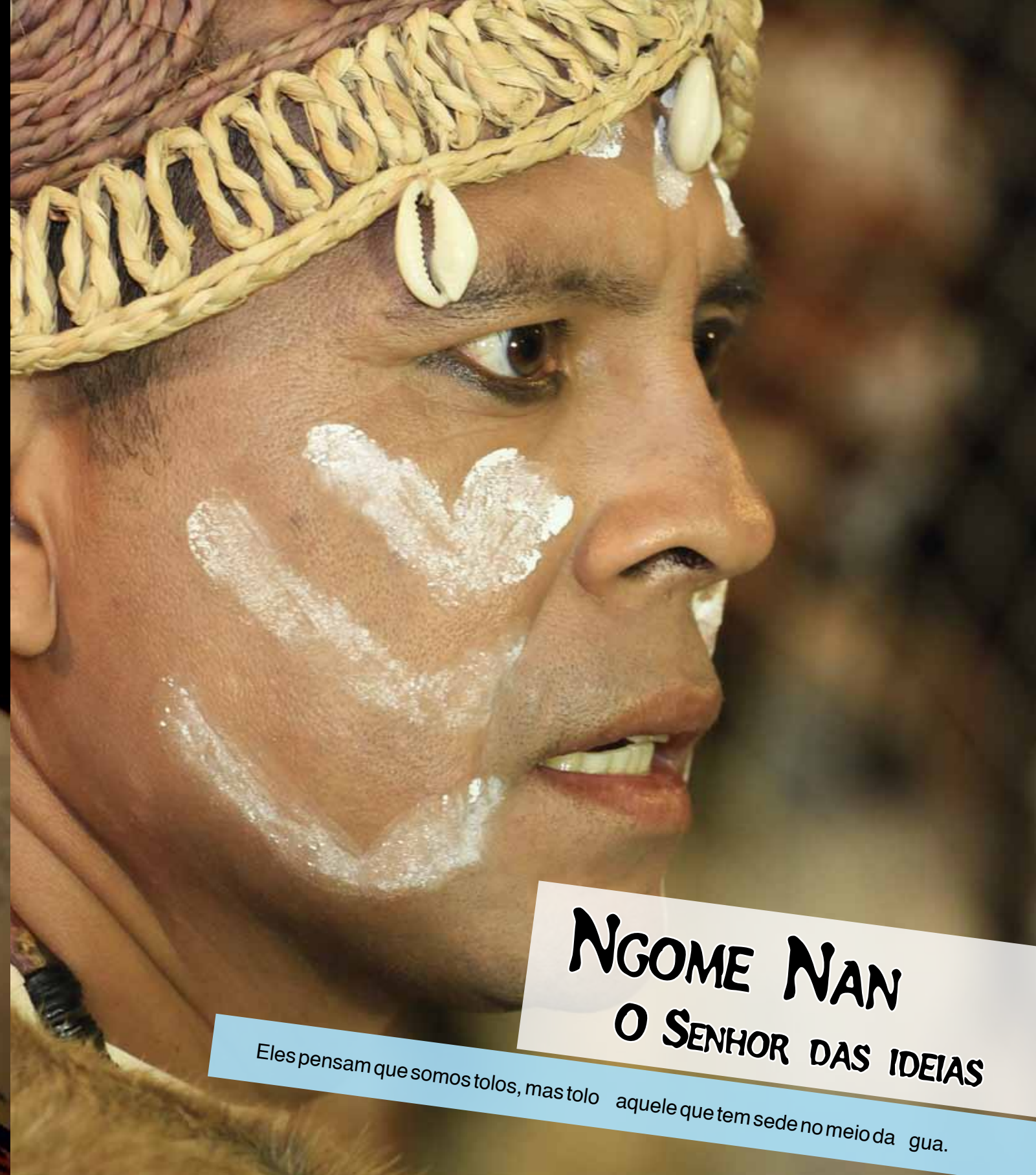
O SENHOR DA LONGEVIDADE

Quem tem nas m os e joga fora sinal que n o precisa e quando procuram n o acha, a colocam as m os sobre as suas cabeças e dizem : ai, aimeu Deus o que foi que eu fiz.

ABEJERE

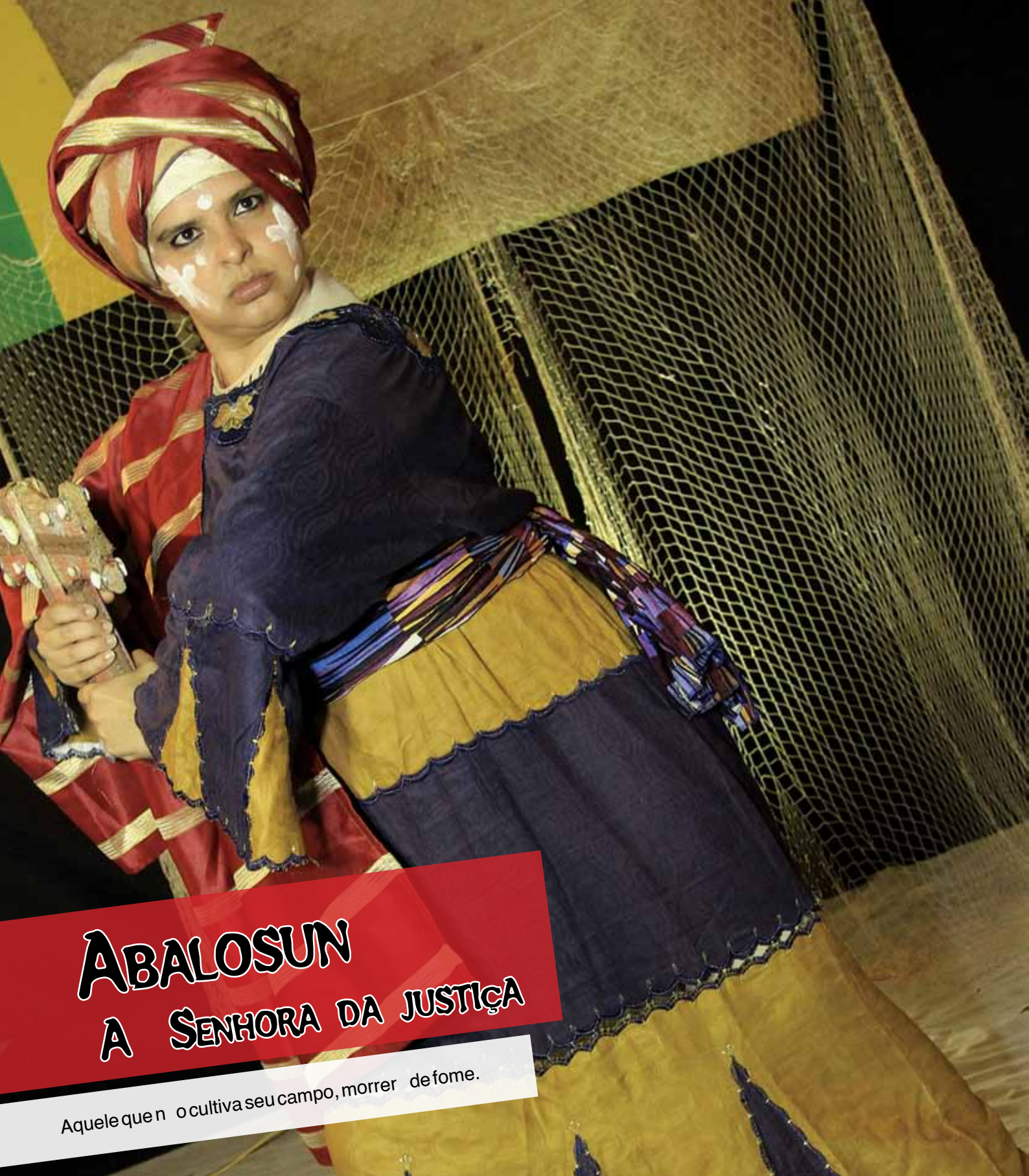
ENERGIAS DA DUALIDADE

As lágrimas que descem pelo seu rosto não tiram sua visão.



NGOME NAN O SENHOR DAS IDEIAS

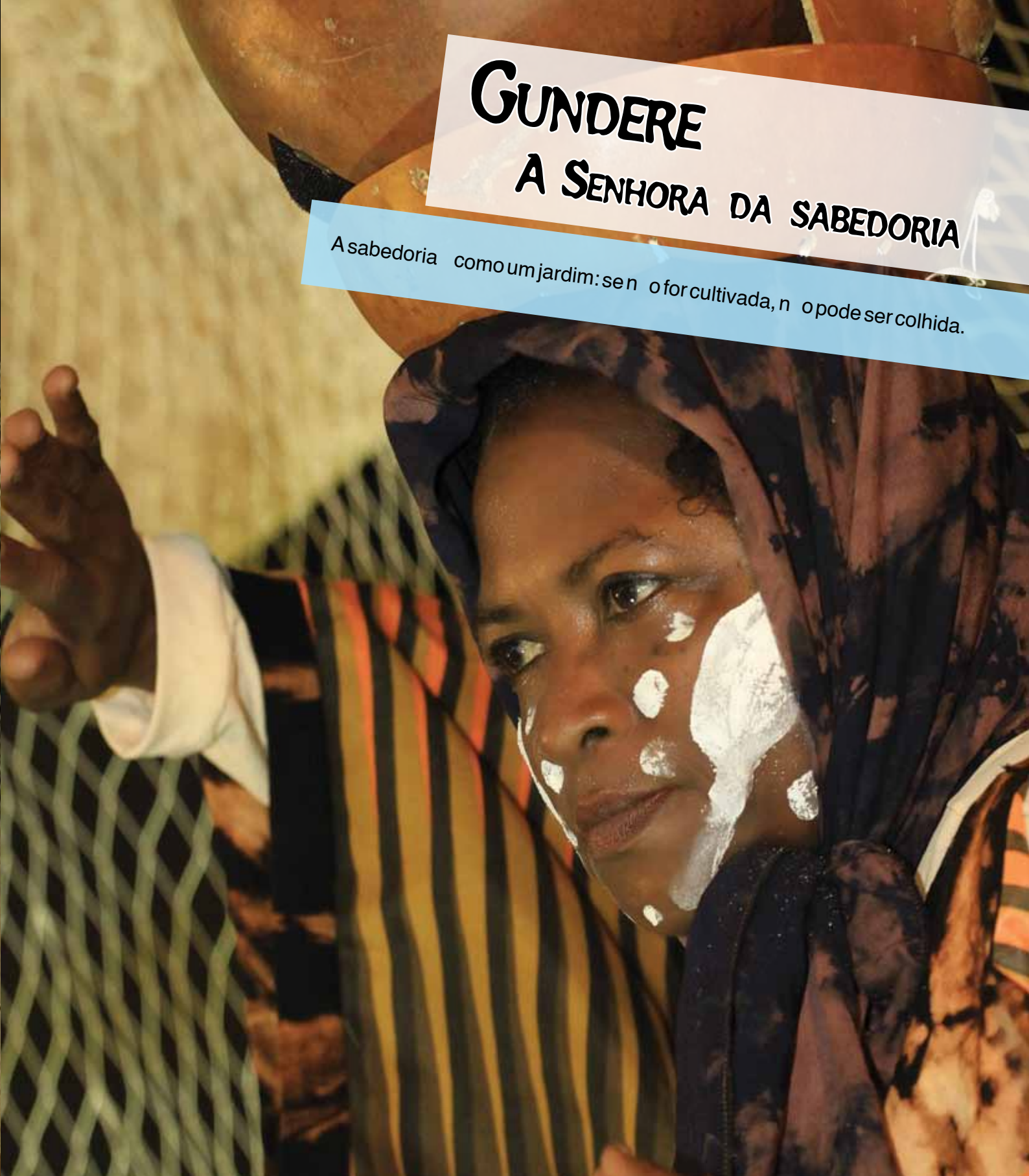
Eles pensam que somos tolos, mas tolo é aquele que tem sede no meio da seca.



ABALOSUN

A SENHORA DA JUSTIÇA

Aquele que não cultiva seu campo, morrer de fome.



GUNDERE

A SENHORA DA SABEDORIA

A sabedoria como um jardim: se não for cultivada, não pode ser colhida.

A close-up photograph of a woman, Odeá Nzinga, looking upwards and to the left. She has white body paint applied to her forehead and cheeks. She is wearing a headwrap with white and brown patterns and a necklace made of white cowrie shells. The background is blurred, showing more of her traditional clothing.

ODEÁ NZINGA

A PROVIDORA

O machado esquece; a rvore recorda.

A photograph of a man, Oju Oba Ngum Le, smiling and looking through a wire mesh. He is wearing a blue and white patterned shirt and a beaded necklace. The background shows green foliage.

OJU OBA NGUM LE

O GRIOT, GUARDIÃO DA CULTURA DO POVO NGANI

Asabedoria como um jardim: sen o for cultivada, n o pode ser colhida.

AFAIA é uma instituição da sociedade civil sem fins lucrativos e apartidária, foi criada em 1987, pela necessidade de organização de homens e mulheres negros, membros do Illy Omi As Of Kar, desde então vem desenvolvendo debates, seminários, encontros, fóruns e projetos voltados para a inclusão social da população negra e afro-religiosa da Amazônia em diversas áreas; culturais, socio-econômica, saúde, desenvolvimento de ações para o combate ao racismo, ao sexismo, homofobia e para a melhoria das condições de vida da população negra, entre outros, valorizando o candomblé não só como religião, mas também como resistência e influência do processo social e cultural do Brasil como mostra a historicidade brasileira, no nosso caso, mais especificamente na Amazônia. Ampliou seus associados, e atua em parcerias com várias organizações, tornou-se uma referência na região Norte Amazônica, no que concerne aos processos organizativos dos afros amazônicos. A AFAIA, está enraizada no tecido social da comunidade, há mais de vinte anos, dedicando-se ativamente a inserção de homens e mulheres negras como agentes de transformação de uma sociedade fundamentada em valores de justiça, equidade e solidariedade.

Para a implementação da missão institucional da AFAIA, nosso trabalho está organizado em sete linhas de ação:

- Economia, trabalho e renda;
- Saúde da comunidade de terreiro;
- Defesa e garantia de direitos humanos;
- Ação política e articulação com instituições e movimentos sociais;
- Publicações, difusão de informações e documentação;
- Desenvolvimento institucional;
- Produção Cultural (teatro, música, dança, literatura, vídeos).

AFAIA:

Coordenação Administrativa: Santana Santos

Coordenação Financeira: Marluce do Rosario

Coordenação Cultural: Maria Lúcia dos Santos

Coordenação de Pesquisa: Jane Patricia

Coordenação Social: Tânia Monteiro

“ Quem assiste ao grupo Bambar não sai do espetáculo a mesma pessoa, pois os espetáculos do Bambar têm a magia de conduzir o espectador a viagens inesquecíveis e o universo das culturas africanas sempre o grande destino. Para todos os brasileiros sempre uma experiência rica conhecer um continente que faz parte da história e da formação de nossa sociedade. O Bambar é o griot que temos no Pará. Assisto a todos os espetáculos. Não perco, por isso acho que ninguém deve perder. ”

Zelia Amador de Deus

“ Todas as pessoas, sobretudo negras, devem assistir aos trabalhos do Bambar, que o Edson Catend tem dirigido. São trabalhos que trazem importante contribuição para o aumento e fortalecimento da autoestima coletiva da população negra. ”

Nilma Bentes (Fundadora do CEDENPA)

DEDICATÓRIA

Este espetáculo dedicado aos griot, griotes que lutaram e ainda lutam pela preservação e difusão dos saberes das africanidades no mundo:

Nzinga
Nelson Mandela
Luiza Main
Zumbi dos Palmares
Acotirene
Martin Lutherking
Felipa Aranha
Bob Marley
Negros Cosme
Nilma Bentes
Magno Cruz
Sílvia Catanhede
Maristela Albuquerque
Escrete
Verequete
Zélia Amador

Abdias do Nascimento
Mãe Menininha
Augusto Cezar Lacerda
Edson Catend
Amilton S. Barreto
Mãe Doca
Astranaque
Mãe Stella
Pai Valter
Mãe Deui
Mãe Raimundinha
Mãe Lulu
Egbomi Cidália de Iroko
Egbomi Marina de Ossain
Gaiaku Matildes de Oxal
Pai Sérgio de Ogum

AGRADECIMENTOS

CADON, pela iniciativa do edital
PETROBRAS
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
MINISTÉRIO DA CULTURA
CEDENPA
FUNTELPA



FICHA TÉCNICA

Diretor Geral: Harles Oliveira
Diretor de Produção: Luiz Vila Nova
Diretor de Movimentos: Roger Paes
Diretor Musical/Preparador Vocal: Thiago Albuquerque
Programador Visual: Tamille Monteiro
Programador de Vídeo: Erich Campos
Iluminador: Erich Campos
Cenógrafo: André Nascimento
Coreógrafo: Edson Catend
Figurista: Marcos Valério/Edson Catend
Aderecista: Marcos Valério/Walfir Juca/Edson Catend/Emanuel
Produtor Executivo: Amilton S. Barreto/Edson Catend
Atores: Aretus Souza, Bruno Corrêa, Diego Amador, Emanuel Nazar, Francisco Tapajós, Fernando Sarmento, Jocicleide Belém, Idália Teles, Leonardo Reis, Marlene da Silva, Paulo Braga, Raquel Adema,

Sílvia Augusto, Lucas de Ogun
Músicos: Sílvia Augusto, Brenna Corrêa, Erbio Barbosa, Tiago Som
Cenotécnico: Fernando Sarmento
Caracterização e Maquiagem: Ivoneide da Hora/Edson Catend/Emanuel
Assistente de Direção: Mara Juc
Assistente de Produção: Jane Patrícia/Sílvia Pereira
Assistente de Cenografia: Wanderlan de Ogun
Assistente de Iluminação: Paulo Braga
Assistente de Figurino: Santana Santos/Aparecida
Cabeleireiros: Matildes/Emanuel
Camareira: Maria de Belém
Operador de Som: Alexandre Santos
Operador de Luz: Aparecida Corrêa
Assessoria de Imprensa: Tânia Monteiro/Jader Paes
Fotógrafo: Jader Paes
Secretária: Adema Raquel

ELENCO

Paulo Braga



Leonardo Reis



Raquel Adema



Marlene Silva



Francisco Tapajás



Idália Teles



Jocicleide Belém



Fernando Sarmento



Aretus Magalhães



Diego Amador



Silvio Pereira



Bruno Corrêa

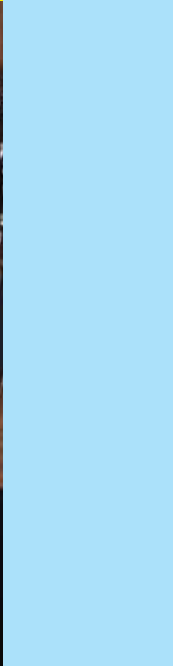


Emanuel

EQUIPE TÉCNICA



Roger Paes



Aparecida Corrêa



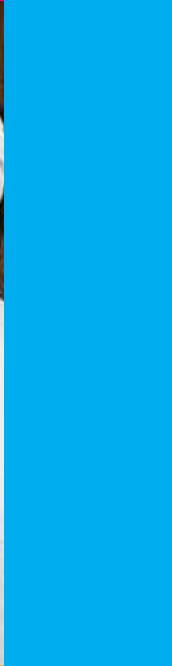
Edson Catend



Sandro



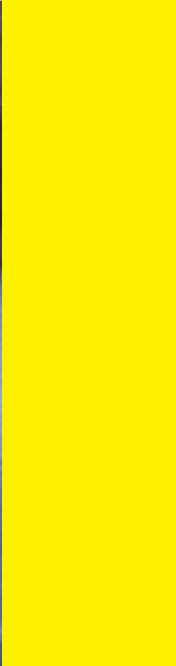
Maria Belém



Jane Patrícia



Harles Oliveira



Fernando Vila Nova



Erich Campos



Amilton S. Barreto



Tiago Marinho



Tiago Albuquerque



Lucas



Brena Corrêa



Lúcia



Santana



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



PARCERIA



PRODUÇÃO



APOIO



Ministério da
Cultura

